

DECADÊNCIA, VALOR E ESGOTAMENTO EM NIETZSCHE: DA DINÂMICA DA VONTADE DE PODER À TRANSVALORAÇÃO DE TODOS OS VALORES

DECADENCE, VALUE AND DEPLETION IN NIETZSCHE: FROM THE DYNAMICS OF THE WILL TO POWER TO THE TRANSVALUE OF ALL VALUES

Rafael Gonçalves da Silveira¹

Resumo: Neste artigo pretendemos abordar a relação entre os conceitos de decadência (*décadence*), valor (*verth*), esgotamento (*Erschöpfung*) e vontade de poder (*Wille zur Macht*) na obra de Friedrich Nietzsche. O principal objetivo é demonstrar que estes conceitos se relacionam a partir de 1888, em vistas ao projeto nietzschiano de transvaloração de todos os valores (*Umwerthung aller werthe*) em *O Anticristo*. Por fim, ressalto que não é possível compreender a transvaloração sem uma análise da ligação entre estes conceitos.

Palavras-chave: Decadência. Valor. Esgotamento. Vontade de poder. Transvaloração.

Abstract: In this article we intend to approach the relationship between the concepts of decadence (*décadence*), value (*verth*), exhaustion (*erschöpfung*) and will to power (*wille zur macht*) in Friedrich Nietzsche's work. The main objective is to demonstrate that these concepts are related from 1888, in view of the Nietzschean project of transvaluation of all values (*Umwerthung aller werthe*) in *The Antichrist*. Finally, I emphasize that we cannot understand transvaluation without an analysis of the connection between these concepts.

Keywords: Decadence. Value. Exhaustion. Will to power. Transvaluation.

Introdução

O fenômeno da decadência (*décadence*) aparece na obra de Friedrich Nietzsche a partir de 1883, mas somente ganha importância conceitual própria a partir de 1888. O conceito de esgotamento (*Erschöpfung*) por sua vez encontra-se desde as primeiras anotações do filósofo alemão, porém com sentidos diversos, desde um cansaço cotidiano, algo que ele descreve em suas cartas, até o esgotamento da arte grega, presente em *O nascimento da tragédia*. Também só adquire importância a partir de 1888.

¹ Doutorando em filosofia pela PPGFil – UFPEL. Endereço eletrônico: tk121rafael@gmail.com.

O problema do valor (*verth*) é bem conhecido dos pesquisadores nietzschianos. Tal conceito aparece também no contexto da obra *O nascimento da tragédia*, porém sem o mesmo refinamento que vai adquirindo ao longo das obras do período intermediário e maduro.² É o conceito de valor que dá origem ao questionamento sobre a desvalorização dos valores na modernidade, bem como a necessidade nietzschiana de realizar uma tarefa da transvaloração dos valores (*Umwertung aller werthe*), além de elaborar uma genealogia dos juízos de valores morais. Considerando a transvaloração dos valores (*Umwertung aller werthe*) como o principal projeto de Nietzsche, que ele vai efetivar através da publicação de *O Anticristo*³, procuro investigar como os conceitos de decadência, valor e esgotamento se relacionam neste contexto.

Para realização deste objetivo é necessário indicar brevemente alguns elementos da vontade de poder (*Wille zur macht*).⁴ Este é o conceito que Nietzsche usa para definir a vida, o mundo das forças e todos os demais conceitos de sua filosofia. Porém, tal conceito só pode ser compreendido na análise dos fragmentos póstumos, bem como recorrendo aos comentadores.

Dito isto, nosso objetivo segue o seguinte desenvolvimento: I) apresentação dos conceitos; II) a relação entre esses conceitos com vistas a transvaloração dos valores; III) a indicação de que somente a partir dos conceitos de decadência, valor e esgotamento, com a

² Neste artigo utilizo divisão dos escritos filosóficos de Nietzsche em três períodos, adotada por Karl Löwith (1991, p. 31–37) e por Scarlett Marton (1990, p. 23-27), a saber: 1º Período: Pessimismo romântico; 2º Período: Positivismo cético; 3º Período: Filosofia do eterno retorno; O primeiro período corresponde à ligação com o pessimismo de Schopenhauer e com os dramas musicais de Wagner, escritos juvenis, *O nascimento da tragédia*, *A filosofia na época trágica dos gregos*, as *Considerações Extemporâneas*. O segundo corresponde às influências do positivismo e abordagens científicas, de obras como *Humano, demasiado humano*, *Aurora* e *Gaia Ciência*. Por fim, o terceiro período, também conhecido como “período maduro” (designação que vou repetir ao longo deste trabalho), corresponde às obras seguintes: *Assim falou Zaratustra*, *Além do bem e do mal*, *Genealogia da moral*, *Crepúsculo dos ídolos*, *O Anticristo*, *O caso Wagner*, *Ecce homo*, *Ditirambos de Dioniso*, *Nietzsche contra Wagner*.

³ Cf. carta a Georg Brandes, de novembro de 1888, e a Paul Deussen, de 26 de novembro de 1888 (NIETZSCHE, 2012, p. 305).

⁴ Optei por traduzir *Wille zur Macht* por “vontade de poder”. Cito a justificativa de Oswaldo Giacóia Júnior, que considero relevante no momento: “A tradução tem o inconveniente de arriscar-se a circunscrever o conceito demasiadamente no registro da filosofia política, mas apresenta também a vantagem de evitar a ressonância e a evocação da distinção metafísica entre ato e potência – o que certamente contraria a intenção de Nietzsche – assim, como de manter presente um dos mais fundamentais aspectos de seu pensamento, qual seja, uma concepção de força e poder de esgotando sem resíduos, a cada momento de sua efetivação. Nos termos de Para além de bem e mal, aforismo nº 22, todo poder (*jede Macht*) extrai, a todo instante, sua última consequência.” (GIACÓIA, 1997, p. 51-52).

dinâmica da vontade de poder, é possível compreender a tarefa da transvaloração dos valores de Nietzsche. Não temos a pretensão de finalizar este assunto, mas fornecer elementos para a melhor compreensão da principal tarefa filosófica de Nietzsche no último ano de sua atividade intelectual.

O problema da decadência

O termo francês *décadence* aparece na obra de Nietzsche em 176 fragmentos. Deste total, a primeira ocorrência surge em 1883 e, assim como em uma ocorrência em 1884, aparecem em uma única unidade. Em 1885, o termo ocorre em dois fragmentos. No ano de 1886 apresenta-se em 3 fragmentos e 1 carta. Em 1887 aparece em 16 fragmentos e em 1888 aparece no total de 151 textos, dentre livros publicados, póstumos e cartas, o que evidencia uma intensificação considerável na utilização do termo no último ano produtivo do filósofo. Além da evidente disparidade em termos comparativos, que por si já nos faz questionar o que levou o autor a intensificar o uso do conceito de *décadence* em seus escritos, é necessário considerar o contexto da utilização do termo e a importância conceitual que ele tem entre as primeiras ocorrências da expressão e a evolução do uso nos dois últimos anos.

Na primeira utilização do conceito de *décadence* no fragmento póstumo de 1883, Nietzsche sintetiza que “aparentemente tudo é *décadence*.” (NIETZSCHE, 2010, p. 344). No ano de 1884 a referência à *décadence* é vaga, resumindo-se a uma crítica a Delacroix como “imagem da *décadence* desta época” (NIETZSCHE, 2010, p. 482). Em 1885 o termo aparece em um fragmento sobre a crítica aos psicólogos cuja visão que “ainda está apegada involuntariamente aos sintomas da *décadence*, guia cada vez mais nossa desconfiança contra o espírito.” (NIETZSCHE, 2010, p. 777). Somente em 1886 o autor passa a identificar o fenômeno da moral com o termo *décadence*. Até então suas indicações eram gerais, mas nesses fragmentos ele é incisivo ao criticar o seu tempo. Colocando em suspeita o conhecimento e a moral afirma que “a moralização mesma é uma ‘*décadence*’.” (NIETZSCHE, 2008, p. 171). No mesmo ano, ao fazer uma crítica à moral em Sócrates e Platão, define-os como “sintomas da *décadence*” e questiona se “todos os movimentos especificamente morais até agora não foram sintomas de *décadence*”. (NIETZSCHE, 2008, p. 215).

Em 1887 ao escrever sobre a história do niilismo europeu Nietzsche afirma que “todos os antigos ideais são ideais hostis à vida, nascidos da *décadence*.” (NIETZSCHE, 2008, p.

409). Por considerar o “compreender” como um “hábil cansaço”, ele concluiu que “nós *comprendemos* o antigo, mas estamos longe de sermos fortes o suficiente para algo novo.” (NIETZSCHE, 2008, p. 409). Apesar de não ver horizontes de afirmação para o momento, Nietzsche não deixa de reconhecer cada vez mais a dimensão da *décadence*. Manifesta-se contra a “ideia por demais obscura e arbitrária de que a humanidade possui uma tarefa conjunta, de que ela vai como um todo ao encontro de uma meta qualquer” (NIETZSCHE, 2008, p. 422) e ressalta que “a *décadence*, por outro lado, pertence a todas as épocas da humanidade” (NIETZSCHE, 2008, p. 422). No fragmento seguinte, o filósofo faz sua primeira consideração sobre *décadence* e juízo de valor:

O fato de toda *décadence* e de todo adocimento terem incessantemente colaborado com os juízos de valor conjuntos: o fato de nos juízos de valor que se tornaram dominantes a *décadence* ter se tornado até mesmo preponderante: o fato de nós não termos de lutar apenas contra os estados derivados de toda a miséria atual em termos de degeneração, mas o fato de toda a *décadence* até aqui ter permanecido devedora, isto é, *viva*. Tal errância conjunta da humanidade em relação aos seus instintos fundamentais, tal *décadence* conjunta do juízo de valor é o ponto de interrogação *par excellence*, o enigma propriamente dito, que o animal “homem” apresenta ao filósofo. (NIETZSCHE, 2008, p. 423-424)

É visível a importância que o conceito vai assumindo na obra do filósofo, pois a *décadence* permanece sempre “viva”, constituindo-se na grande questão. Trata-se da primeira vinculação entre o termo francês e a palavra valor (*Werth*). Tal conceito é central para compreender o projeto nietzschiano da transvaloração dos valores. Por isso para dar continuidade ao trabalho faz-se necessário tecer algumas considerações sobre este conceito.

O problema do valor

Nesse emaranhado de conceitos a palavra valor (*Werth*) é de suma importância, sobretudo para compreender a transvaloração.⁵ Nietzsche reavaliou suas obras com base no pensamento do valor. Identificou em *O nascimento da tragédia* um questionamento pelo valor da existência e no prefácio de *Humano, demasiado humano* concluiu que em seus escritos de forma disfarçada estava sempre presente um impulso para a inversão dos valores. Se em *Aurora* reconhece os valores que preodominam na moral vigente, em *A gaia ciência*

⁵ Conforme Luís Rubira: “*Transvaloração*: neste termo, que nomeia uma tarefa, há uma ênfase na palavra *valor*. Sabe-se também que no ano de 1887, no prólogo da *Genealogia da moral*, o filósofo delinear seu intento de investigar o *valor* dos valores: em ambos casos (tarefa da transvaloração e questionamento acerca do valor dos valores) apresenta-se como fundamental compreender o que Nietzsche entende por valor.” (RUBIRA, 2001, p. 263).

indentifica estes valores como provenientes de determinadas fisiologias. Porém, é sobretudo nas obras *Assim falava Zaratustra*, *Além do bem e do mal* e *Genealogia da moral* que o filósofo amplia sua crítica dos valores, passando a associar seu conceito de valor de acordo com outros conceitos como vontade de poder, eterno retorno do mesmo e além-do-homem.

Foi em *A gaia ciência* no primeiro aforismo do livro III que o filósofo anunciou a “morte de Deus”: “Deus está morto; mas tal como são os homens, durante século ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada.” (NIETZSCHE, 2012, p. 126).⁶ A “morte de Deus” tem uma significação central, pois representa a desvalorização dos supremos valores da humanidade. Trata-se do resultado ou uma etapa da moralização do mundo que marca a derrota da interpretação moral. Deste modo, Nietzsche não “matou” Deus como permeia o imaginário popular, mas fez uma constatação, sendo “importante ressaltar que, para Nietzsche, a morte de Deus é um acontecimento (*Ereigniss*) inegável; com ela sucumbe a interpretação moral da existência” (ARALDI, 2004, p. 68). Se Deus estava morto seria preciso colocar um novo valor, algo que Nietzsche vai propor com o eterno retorno do mesmo.⁷

Neste momento, Nietzsche já aborda de forma geral o que denomina de “niilismo” desde 1881, assim como a perda de valores ou declínio das valorações. Mas é somente em 1887, no contexto da *Genealogia da moral*, que Nietzsche vincula esses termos.⁸ No fragmento póstumo 9 [35] de 1887 ele afirma: “Niilismo: falta a meta; falta a resposta ao ‘porque?’; O que significa niilismo? – que os valores supremos se desvalorizam.” (NIETZSCHE, 2008, p. 241). A “morte de Deus” como representação da perda de valores é o processo de avanço do niilismo, que se configura como o problema central que Nietzsche enfrenta em seu período maduro.⁹ Em 1887, quando aborda o problema do niilismo nas obras

⁶ No aforismo 125 (“O homem louco”) de *A gaia ciência* Nietzsche anunciou que somos nós os assassinos: “Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos!” (NIETZSCHE, 2012, p. 138).

⁷ Conforme Luís Rubira: “Foi na hipótese cosmológica do eterno retorno do mesmo (*ewige Wiederkunft des Gleichen*), ou seja, na possibilidade de uma eternidade temporal, que Nietzsche julgou encontrar uma nova medida de valor para realizar a transvaloração de todos os valores (*Umwertung aller Werthe*).” (RUBIRA, 2010, p. 17).

⁸ Em 1887 o niilismo atravessa as três dissertações da *Genealogia da moral*: “esse movimento niilista é analisado em *Para a genealogia da moral* através de suas três formas fundamentais de manifestação: o ressentimento, a má-consciência e o ideal ascético.” (ARALDI, 1998, p. 80).

⁹ Deste modo, tal como destacou Araldi, “o niilismo assume em Nietzsche o estatuto de uma questão fundamental, mediante a qual a experiência de instauração e dissolução dos valores morais é trazida à problematização filosófica, para explicitar sua origem, seu transcurso e os âmbitos nos quais ela (a moral) se desenvolve.” (ARALDI, 2004, p. 63).

publicadas, Nietzsche passa a desenvolver melhor a *décandee* nos fragmentos póstumos para no ano seguinte o termo abarcar o niilismo e o problema dos valores.¹⁰

Na *Genealogia da moral* Nietzsche buscou compreender “sob que condições o homem inventou o inventou para si os juízos de valor ‘bom’ e ‘mau’? e que valor eles têm?” (NIETZSCHE, 2009, p. 9). Na primeira dissertação da obra ele apresenta a criação dos valores “bom” e “mau” por um tipo específico, aqueles que engendram a moral dos escravos. Eles criam esses valores de forma reativa, em contraposição aos valores “bom” e “ruim” dos fortes, da tipologia afirmativa. Como bem descreve Marton, na verdade “os fracos não criam propriamente valores; limitam-se a inverter os que foram postos pelos nobres.” (MARTON, 2016, p. 407). Trata-se neste ponto da primeira transvaloração dos fracos, que Nietzsche busca reverter.¹¹ Foram os sacerdotes judeus que realizaram essa transvaloração dos valores nobres, conforme Nietzsche reconheceu em *Além do bem e do mal*: “os judeus realizaram esse milagre da inversão dos valores, graças ao qual a vida na terra adquiriu um novo e perigoso atrativo por alguns milênios “ (NIETZSCHE, 2005, p. 83).

Devemos ressaltar que Nietzsche realiza a crítica aos judeus enquanto uma tipologia, ou seja, aqueles que representam o tipo do sacerdote. Dessa forma, ao analisarmos as passagens da mesma obra em que Nietzsche faz elogios aos judeus como a raça mais forte, fica claro o teor de sua crítica. Trata-se de ressaltar a primeira transvaloração dos sacerdotes e como esta inversão de valores faz predominar um tipo de moral que nega a vida. É essa tipologia na figura do sacerdote que o filósofo vai fazer “guerra” quando procura realizar a transvaloração em *O Anticristo*. A inversão dos valores dos fracos será analisada com atenção na *Genealogia da moral*. As três dissertações que compõem esta obra representam uma preparação para a transvaloração.¹² Porém, a compreensão sobre a crítica de Nietzsche a esse tipo de moral e suas valorações fica mais clara quando analisamos os fragmentos póstumos de 1888, retomando o problema do esgotamento (*Erschöpfung*) e o modo como os esgotados (*Erschöpfte*) alteram o valor da vida.

¹⁰ O próprio Nietzsche considera em 1888 que a *décadence* abarca o niilismo e a questão dos valores, pois “o niilismo não é nenhuma causa, mas apenas a lógica da *décadence*”, assim como “o ‘bom’ e o ‘ruim’ são apenas dois tipos de *décadence*” (NIETZSCHE, 2008, p. 537).

¹¹ Conforme explicou Rubira “com o termo ‘transvaloração’ Nietzsche nomeia tanto aquela operação judaico-cristã, realizada no âmbito dos valores antigos, quanto esta outra que ele pretende realizar em todos os valores judaico-cristãos.” (RUBIRA, 2010, p. 232).

¹² Em *Ecce Homo* Nietzsche diz que são “três trabalhos decisivos de um psicólogo, preliminares a uma *transvaloração de todos os valores*.” (NIETZSCHE, 2008, p. 93).

O fenômeno do esgotamento

No Fragmento Póstumo 12(24) de 1875, o filósofo analisa a arte e considera como a mesma, junto aos demais aspectos da cultura “agora mostram um esgotamento (*Erschöpfung*) indescritível em tudo que o homem agora molda seu exterior” (NIETZSCHE, 2008, p. 215). Trata-se de uma crítica a música de Wagner, no sentido de que com ela tudo é prejudicado. Em uma anotação de 1875 para a obra *Schopenhauer como Educador*, aforismo 6, o filósofo aborda a criação do gênio e indica pois caminhos para os homens da uma sociedade, ou “que seus membros desapareçam em esgotamento (*Erschöpfung*) prematuro ou se desencantem de sua grande tarefa. E (NIETZSCHE, 1999, p. 296). A grande tarefa é a criação da obra de arte pelo gênio artístico. O filósofo, neste contexto, não opera com uma noção clara de esgotamento e dedica poucos escritos sobre o termo em tal período. Após outra citação isolada em *A gaia ciência*, Nietzsche só volta a citar o esgotamento em 1888, no fragmento póstumo 14 (3). Nesta referência o termo aparece sobre influência dos estudos de fisiologia. Cito:

As fases imperceptíveis: a fase da excitação e, logo em seguida, a fase do esgotamento (*Erschöpfung*). O transe hipnótico pode ser produzido por todo o tipo de estímulos sensoriais (da visão, da escuta, do cheiro). Esses estímulos só precisam ser fortes e longos o suficiente: o primeiro efeito é sempre o de uma elevação geral da mobilidade. Por fim, porém, tem lugar um *esgotamento* (*Erschöpfung*) do influx cerebral. O estímulo (*Erregungen*) coloca em jogo uma força (*Kraft*), que se esgota (*die sich erschöpft*) ... (NIETZSCHE, 2008, p. 507-508).

Neste fragmento o esgotamento está relacionado com a fisiologia e psicologia da vontade de poder. Antes deste do mesmo encontram-se os esboços do projeto da transvaloração onde busca analisar a vontade de poder do ponto de vista psicológico, fisiológico e histórico-sociológico. No fragmento seguinte o filósofo aborda o sentimento de poder passando no próximo a uma análise da religião enquanto *décadence*.

No fragmento 14 (65) intitulado “*décadence*” Nietzsche analisa o problema da decadência enquanto doença, afirmando que “o que se herda não é a doença, mas o caráter doentio: a impotência de resistir ao perigo de perambulações nocivas” (NIETZSCHE, 2008, p. 528). O filósofo justifica esta perspectiva por uma referência ao fisiólogo Claude Bernard, porém citando elementos dos trabalhos do médico fisiologista Charles Richet (VERMAL e LLINARES, 2008). Em seguida, neste mesmo fragmento, o filósofo alemão problematiza o

fato de não se combater os fenômenos mórbidos da fraqueza, mas somente realizar um tratamento “por meio de uma espécie de justificação e moralização: isto é, por meio de uma interpretação... (NIETZSCHE, 2008, p. 529). A interpretação é parte de uma vontade de poder que degenera, que declina, tal como acontece no rebanho do sacerdote asceta. O conceito de esgotamento aparece, então, como uma causas da “tranquilidade”:

A confusão entre dois estados totalmente diversos: por exemplo, a tranquilidade da força (*Kraft*), que é essencialmente abstenção da reação, o tipo dos deuses, que não movimenta nada...E a tranquilidade do esgotamento (*Erschöpfung*), a rigidez, até a anestesia.: todos os procedimentos filosóficos-ascéticos aspiram à segunda tranquilidade, mas tem em vista, de fato, a primeira... Pois eles atribuem ao estado alcançado os predicados, como se um estado divino fosse alcançado. (NIETZSCHE, 2008, p. 529).

É neste sentido que Nietzsche critica o ascetismo, mesmo que considere um ascetismo dos fortes. O cristianismo acabou por transformar o ascetismo, que do cuidado dos corpos e exercícios, perdeu seu valor. Disso decorre a confusão dos estados, dos tipos de tranquilidade. Ao projetar a tranquilidade religiosa, no fundo se almeja a primeira tranquilidade, a da força. Trata-se da ação da vontade de poder, mesmo quando ela é negada. São suas várias formas de buscar poder, mesmo no movimento de “querer o nada”. Foi por isso que o filósofo afirmou no mesmo fragmento:

O enfraquecimento como tarefa: enfraquecimento dos desejos, dos sentimentos de prazer e desprazer, da vontade de poder, do sentimento de orgulho, do querer ter e do querer ter mais; o enfraquecimento como humildade; o enfraquecimento como crença; o enfraquecimento como repugnância e como vergonha de tudo o que é natural, como negação da vida, como doença e como fraqueza habitual... (NIETZSCHE, 2008, p. 528-529)

O enfraquecimento aparece aqui relacionado com o tema da decadência, esgotamento e a vontade de poder. Vale destacar que quando o filósofo aborda os sentimentos de prazer e desprazer ele se refere à dinâmica da vontade de poder, conforme vamos ver. Ainda assim, é importante destacar que, desde suas primeiras referências, o conceito de esgotamento, assim como a *décadence*, não tem um configuração conceitual bem definida e só ganha importância a partir de 1888. Precisamos agora analisar a dinâmica da vontade de poder, para em seguida verificar como todos esses conceitos se relacionam tendo em vistas o projeto da transvaloração dos valores.

3. Dinâmica da vontade de poder

A filosofia de Friedrich Nietzsche é atravessada em seu terceiro e último período pelo conceito de vontade de poder (*Wille zur Macht*). Referindo-se ao conceito pela primeira vez na obra publicada, em *Assim falava Zaratustra*, fica evidente a aproximação com o conceito de valor.¹³ Para Nietzsche “uma tábua de valores se acha suspensa sobre cada povo. Olha, é a tábua de suas superações; olha, é a voz de sua vontade de poder.” (NIETZSCHE, 2018, p. 56). Na mesma obra ele insiste na relação, ainda que de forma poética:

Tudo o que existe quereis primeiramente fazer pensável: pois duvidais, com justa desconfiança, de que já seja pensável. Mas deve se adequar e se dobrar a vós! Assim quer vossa vontade. Liso deve se tornar, e submisso ao espírito, como seu espelho e reflexo. Esta é toda a vossa vontade, ó mais sábios entre todos, uma vontade de poder; e também quando falais de bem e mal e das valorações. (NIETZSCHE, 2018, p. 108)

Nesse ponto Nietzsche indica que não existe nem vontade de verdade em si, nem uma vontade de existência, mas que por trás de todo acontecer só existe a vontade de poder. Nesses escritos não é possível compreender a dimensão deste conceito, mas a relação com as valorações é relevante. O autor tem em mente que os valores são resultados da vontade de poder, embora não especifique o que é realmente essa vontade. Ele também diz que “onde encontrei seres vivos, encontrei vontade de poder” e que “apenas onde há vida há também vontade: mas não vontade de vida, e sim – eis o que te ensino – vontade de poder!” (NIETZSCHE, 2018, p. 111).

Uma das características da vontade de poder é sempre “querer mais poder” pois como afirma Marton “este é o seu caráter intrínseco; preservar o que já conquistou constitui somente uma decorrência do seu exercício” (MARTON, 1990, p.40). A comentadora ainda chama atenção para o fato de que, apesar da vontade de poder querer mais poder, “nem mesmo isso constitui um objetivo a atingir, uma meta a alcançar, uma finalidade a realizar.” (MARTON, 1990, p. 41). Neste ponto Marton está de acordo com a referência do aforismo 13 de *Além do bem e do mal*, onde Nietzsche pede que se tenha “cuidado com os princípios teleológicos supérfluos!” (NIETZSCHE, 2005, p. 19). O filósofo se mostra contra o princípio de autoconservação, pois para ele “uma criatura viva quer antes de tudo *dar vazão* a sua força

¹³ Conceito central para compreendermos o processo genealógico de Nietzsche e demais ataques que ele faz a moral, o conceito de valor será analisado neste artigo enquanto “aumento de poder”, dentro da dinâmica das forças, que é o contexto das minhas referências.

– a própria vida é vontade de poder –: a autoconservação é apenas uma das indiretas, mais frequentes *consequências disso*” (NIETZSCHE, 2005, p. 19).

Outra característica da vontade de poder é que ela é “interpretação”, ela sempre interpreta como um meio para dominar algo. Conforme o fragmento póstumo 2(148) de 1885:

A vontade de poder *interpreta*: na formação de um órgão se trata de uma interpretação; a vontade de poder delimita, determina graus, diferenças de poder. Meras diferenças de poder não poderiam ainda sentir-se como tais: tem que haver ali um algo que quer crescer que interprete a todo outro algo que quer crescer respeito de seu valor. Em isto igual – em verdade a interpretação é ela mesma um meio para assenhorar-se de algo (O processo orgânico pressupõe um permanente interpretar). (NIETZSCHE, 2008, p. 122)

Este é um dos principais aspectos deste conceito que abre muitas perspectivas. Do interpretar da vontade de poder surge o carácter perspectivístico. O filósofo retoma a mesma ideia no fragmento 2(151): “Não se deve perguntar: ‘então quem interpreta?’ , mas que o interpretar mesmo, enquanto forma da vontade de poder, tem existência (porém, não como “ser”, mas como um processo, um devir) como um afeto. (2008, p. 123). Ou seja, o carácter interpretativo se contrapõe a uma metafísica do ser, mas vai na direção do devir, como um processo, como uma forma de afeto. Conforme Marton:

Com a teoria das forças, é levado a ampliar o âmbito de atuação do conceito de vontade de potência: quando foi introduzido, ele operava apenas no domínio orgânico; a partir de agora, passa a atuar em relação a tudo o que existe. A vontade de potência diz respeito assim ao efetivar-se da força. (MARTON, 1990, p. 53).

Traduzindo uma opção que o filósofo fez pela energética, as forças representam sempre um “efetivar-se” constante, não existindo enquanto algo estável. A força (*kraft*) em Nietzsche pode muito bem ser equivalente ao poder (*macht*). Vale destacar também que até nos menores organismos o filósofo considera que “se forma a força que depois tem que se descarregar: ou por si mesma, quando há plenitude, ou quando há um estímulo exterior” (NIETZSCHE, 2008, p. 788). Isso vale para tudo, pois o todo é composto pela relação de forças. As forças sempre se descarregam, seja por plenitude ou por estímulos. Estes estímulos representam os elementos da cultura, a educação por exemplo.

Se perguntarmos para onde vai a força que se descarrega Nietzsche responde que “com certeza na direção habitual: então ali onde os estímulos dirigem, se moverá também a descarga espontânea.” (NIETZSCHE, 2008, p. 788). Isso indica um condicionamento, uma tendência a se descarregar as forças na direção habitual. Seria necessário outra força oposta,

que seja maior do que a força da organização habitual. Nietzsche conclui que “os estímulos mais frequentes educam também a direção da descarga espontânea” (NIETZSCHE, 2008, p. 788). Isso é relevante no sentido de que podemos educar ou orientar a direção das descargas.

Em boa medida é desta forma que a vontade de poder e a teoria das forças servem de base para Nietzsche pensar a transvaloração. Ele quer formar novos valores que por sua vez também devem funcionar como novos estímulos para orientar as descargas. Nesse contexto a linguagem formula termos para os fenômenos que acontecem no constante embate das forças. Trata-se de formar novos estímulos ou novos valores. É importante considerar que os fenômenos da decadência e do esgotamento agem sobre a dinâmica das forças, diminuindo a vontade de poder ou orientando outras direções para as descargas. Vamos analisar como isso ocorre na perspectiva da transvaloração.

Decadência, valor, esgotamento, vontade de poder no projeto da transvaloração

Retomando o que foi apresentado até aqui, podemos concluir que a moral enquanto enfraquecimento ou produto da *décadence* tem como elemento explicativo o conceito de esgotamento (*Erschöpfung*), assim como a importância do conceito de valor e a articulação com a dinâmica da vontade de poder. Essa questão perpassa as obras publicadas em 1888. O esgotamento (*Erschöpfung*) indica uma das chaves de leitura para a questão do valor associado à decadência. No seguinte fragmento póstumo, de 1888, o filósofo alemão explica:

Religião como *décadence*. A mais perigosa incompreensão: Há um conceito que não admite aparentemente nenhuma confusão, nenhuma ambiguidade: trata-se do conceito de esgotamento (*Erschöpfung*). Esse esgotamento (*Erschöpfung*) pode ser adquirido (*erworben*); ele pode ser herdado (*vererbt*) – em todo caso, ele transforma o aspecto (*Aspekt*) das coisas, o valor das coisas (*den Werth der Ding*)...Em contraste àquele que, pela abundância (*Fülle*), involuntariamente se entrega às coisas, as vê mais plenas, mais poderosas (*mächtiger*), mais ricas em futuro – que pode em todo caso presentear –, o esgotado (*Erschöpfte*) apequena e estrofia tudo o que vê – ele empobrece (*verarmt*) o valor (*Werth*): ele é prejudicial (*schädlich*)... (NIETZSCHE, 2008, p. 529).

Este fragmento é de extrema importância para compreender a relação entre decadência, valor, vontade de poder e esgotamento. O filósofo chamou atenção para a modificação no aspecto e valor das coisas. Não por acaso que, em *O anticristo*, o autor com frequência destaca a maneira como o cristianismo inverte “as coisas” e a forma de valoração da vida. Destacamos a oposição entre dois modos de valoração, ou de “tipos”: um que se

entrega a vida, de forma afirmativa, vendo nela a abundância, por isso pode “presentear”, isto é, doar-se, compartilhar vivências de uma forma verdadeira; e o outro, o tipo esgotado, que modifica negativamente o que vê. Isso é a chave para compreender a crítica que o filósofo fazia ao valor dos fracos na *Genealogia da moral*, bem como a contraposição a tipologia dos fortes que são “plenos, repletos de força e, portanto, necessariamente ativos” (NIETZSCHE, 2009, p. 27).

Também é importante perceber o empobrecimento do valor. A palavra valor, conforme destaquei, é central para a filosofia de Nietzsche e se relaciona com a sua tarefa da transvaloração dos valores, com o niilismo, eterno retorno e a vontade de poder. A partir deste ponto, Nietzsche vai citar a *décadence* em todas as obras de 1888. Vamos analisar como Nietzsche procurou efetivar a transvaloração, sem delegar tal tarefa aos tipos, conforme as obras e fragmentos do período anterior. Tal efetivação ocorre por meio do enfrentamento dos processos de *décadence*.

Considerando *O anticristo* como a transvaloração nietzschiana, uma vez que Nietzsche afirmou na carta a Paul Deussen, de 26 de novembro de 1888: “Minha transvaloração de todos os valores, com o título principal de *O Anticristo*, está finalizada.” (NIETZSCHE, 2012, p. 305), é conveniente analisar detidamente algumas passagens centrais desta obra. Sempre que necessário retomamos alguns fragmentos preparatórios e passagens de outras obras de 1888. É no primeiro parágrafo do livro que Nietzsche chama a atenção para a efetivação de sua derradeira tarefa que ocorreu pelo encontro da “felicidade”:

Olhemo-nos nos olhos. Nós somos hiperbóreos – sabemos muito bem como vivemos à parte. “Nem por terra nem por mar encontrarás o caminho até os hiperbóreos”: Píndaro já sabia isso de nós. Além do norte, do gelo, da morte – *nossa vida, nossa felicidade...* Nós descobrimos a felicidade, sabemos o caminho, achamos a saída de milênios de labirinto. (NIETZSCHE, 2016, p. 10).

A referência à felicidade é importante uma vez que ela expressa a concepção das “forças” e da vitória sobre o cristianismo. Com a breve referência ao poeta Píndaro, Nietzsche expressa que não só a felicidade, mas sua concepção de vida está para além da morte. Seu discurso no plural é uma estratégia textual comum em muitos dos seus textos, mas aqui tem uma significação ainda mais forte, pois ele se dirige aos seus raros leitores¹⁴ No primeiro parágrafo de *O Anticristo* o filósofo manifesta que o homem moderno não pode encontrar tal felicidade, pois “dessa modernidade estávamos doentes” (NIETZSCHE, 2016, p. 10). A

¹⁴ Cf. o prólogo: “Este livro é para pouquíssimos. E talvez eles ainda não existam.” (NIETZSCHE, 2016, p. 9).

modernidade doente expressa por ele significa a ausência de metas, resultado do niilismo. Nietzsche se reconhece como preso a modernidade, pois por muito tempo não teve uma meta:

Fomos valentes o bastante, não poupamos a nós nem aos outros: mas havia muito não sabíamos aonde ir com nossa valentia. Tornamo-nos sombrios, chamaram-nos de fatalistas. *Nosso fatum* [fado, destino] – era a plenitude, a tensão, a contenção de das forças. Éramos ávidos de relâmpagos e atos, ficávamos o mais longe possível da felicidade dos fracos, da “resignação”... Um temporal estava em nosso ar, a natureza que somos escureceu – *pois não tínhamos caminho*. A fórmula de nossa felicidade: um Sim, um Não, uma linha reta, uma meta... (NIETZSCHE, 2016, p. 10).

Aqui temos a referência às forças, sobretudo a plenitude e a tensão, que são elementos importantes da teoria de Nietzsche. Temos também outro tipo de felicidade, que é a felicidade dos fracos. Penso ser importante recorrer aos fragmentos póstumos que ajudam a esclarecer esta citação. Destaco aqui o Fragmento póstumo 11[38] de 1887, portanto anterior a *O anticristo*, e que diz o seguinte:

Da pressão da plenitude, da tensão das forças que crescem constantemente em nós e que ainda não sabem se descarregar emerge um estado similar ao estado que precede uma tempestade: a natureza que somos *escurece*. Isso também é pessimismo... uma doutrina que põe fim a tal estado, na medida em que *ordena* algo, uma transvaloração dos valores, graças a qual se indica um caminho às forças acumuladas, um “para onde”, de modo que elas explodem em raios e em ações – não precisa de modo algum ser uma doutrina da felicidade: na medida em que desencadeia a força que estava comprimida e represada até um ponto torturante, *ela traz felicidade*. (NIETZSCHE, 2012, p. 12)

Nesse contexto, Nietzsche pensava em uma transvaloração para mostrar um caminho às forças que estavam acumuladas e que por esta contenção chegava-se “até um ponto torturante”. A situação é praticamente a mesma da citação de 1888 e conforme Marinucci “a transvaloração representa uma nova direção, ela é uma possibilidade, não é uma necessidade, à diferença de como ocorre no caso do sacerdote ascético.” (MARINUCCI, 2019, p. 222). Marinucci ressalta ao interpretar este fragmento para pensar o eterno retorno, que os fenômenos morais são apenas nomes para as direções das descargas, ou seja, fenômenos de acompanhamento.¹⁵ Nietzsche ao compreender a transvaloração no sentido de mudança de direção da descarga conclui que ela não precisa ser uma doutrina para felicidade, pois de todo modo “traz felicidade”, indicando a felicidade como fenômeno de acompanhamento para a descarga de forças.

¹⁵Cf. Marinucci: “Nesse sentido, a teoria das forças, diretamente ligada à elaboração do eterno retorno, é rigorosamente aplicada às questões morais, sem que exista uma solução de continuidade entre plano das forças e plano moral;” (MARINUCCI, 2019, p. 222).

Em *O anticristo*, Nietzsche reconhece o seu percurso e apesar de todas as suas tentativas, tornou-se sombrio. O motivo era que ainda não tinha uma meta, ou seja, ele ainda não tinha a coragem para a transvaloração. Porém, de acordo com a teoria das forças, era necessário atribuir sentido aos novos valores e o critério seria a vontade de poder e o sentimento de poder. Por isso ele afirma no segundo parágrafo de *O anticristo*: “O que é bom? – Tudo o que eleva o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder no homem. O que é mau? – Tudo o que vem da fraqueza. O que é felicidade? – O sentimento de que o poder cresce, de que uma resistência é superada. (NIETZSCHE, 2016, p. 10-11). Nietzsche indica seu critério para medir os valores.¹⁶

O valor “bom” é definido de acordo com a vontade de poder, assim como a felicidade, como resultado da superação de resistência. Isto está de acordo com o fragmento póstumo 11(73) de 1888, quando Nietzsche afirma: “Valor...o mais elevado *quantum* de poder que o homem consegue incorporar” (NIETZSCHE, 2008, p. 509). É preciso ressaltar que a descarga das forças pode seguir na direção nova, superando resistências, ou pode não superar essa resistência e ficar represada. Em suma, é essa a felicidade que Nietzsche afirma ter encontrado e que representa a sua transvaloração. Não é a felicidade dos fracos, pois estes não conseguem transvalorar e ficam presos ao ressentimento.

Partindo da teoria das forças, ele ataca os valores supremos, retomando em *O anticristo* a intenção de ver triunfar os afirmativos, os tipos fortes, e denunciando que o cristianismo teria cultivado e “alcançado o tipo oposto: o animal doméstico, o animal de rebanho, o animal doente homem – o cristão...” (NIETZSCHE, 2016, p. 11). Ele ainda sentencia:

É um doloroso, um arrepiante espetáculo, que despontou para mim: abri a cortina da *corrupção* o do homem. Essa palavra, em minha boca, está protegida ao menos contra uma suspeita: de conter uma acusação moral ao homem. É entendida – gostaria de sublinhá-lo mais uma vez – isenta de moralina: e isso em tal grau, que essa *corrupção* é sentida por mim mais fortemente ali onde até agora mais conscientemente se aspirou a “virtude”, a “divindade”. Entendo *corrupção*, já se adivinha, no sentido de *décadence*: minha afirmação é que todos os valores nos quais a humanidade enfeixa agora sua mais alta desejabilidade são valores de *décadence*. (NIETZSCHE, 1987, p. 393).

A *décadence* aparece com o sentido de corrupção, que também pode significar a

¹⁶ É importante explicar que ao compreender a vontade de poder como um critério de medição dos valores não desconsidere a importância do eterno retorno para o projeto da transvaloração, tal como defendeu Rubira. Na verdade o próprio comentador reconheceu que “quando Nietzsche, portanto, pensa na vontade de potência para realizar a tentativa de transvaloração de todos os valores, é porque ele entende que o critério para medir valores é o aumento de potência, e não sua conservação.”(RUBIRA, 2010, p. 306). Rubira ainda salienta que o eterno retorno é o “teste maior para verificação da vontade dominante em um determinado indivíduo” (2010, p. 307).

deterioração do homem. Associada ao valor, como uma corrupção dos valores, assim como o niilismo enquanto movimento histórico da “morte de Deus”, a *décadence* passa a configurar-se como o conceito central que representa todos os elementos “degenerativos”¹⁷ que Nietzsche busca combater com sua filosofia. O filósofo explica o que é a corrupção do homem: “Digo que um animal, uma espécie, um indivíduo está corrompido quando perde seus instintos, quando prefere o que lhe é desvantajoso.” (NIETZSCHE, 2016, p. 12). Escolher o que é desvantajoso é para Nietzsche entrar na dinâmica do sofrimento e do desprazer, sendo que “a preponderância dos sentimentos de desprazer sobre os sentimentos de prazer é a causa dessa moral e dessa religião fictícias: uma tal preponderância transmite a fórmula da *décadence*...” (NIETZSCHE, 2016, p. 20).¹⁸ Ao mesmo tempo em que considera a vida como “instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de poder” (NIETZSCHE, 2016, p. 12), o filósofo alemão afirma que “onde, de alguma forma, declina a vontade de poder, há sempre um retrocesso fisiológico também, uma *décadence*.” (NIETZSCHE, 2016, p. 21).

Considerando a importância da teoria das forças e a vontade de poder como critério para a definição de novos valores, definir felicidade e a própria vida, a *décadence* se apresenta como o grande obstáculo para a tarefa nietzschiana de transvalorar valores. Em vista disso, a compreensão dos processos de *décadence* para o entendimento de toda forma de declínio e para criticar a moral em seus supremos valores é fundamental para o derradeiro projeto de Nietzsche. Embora o conceito já estivesse em seus fragmentos desde 1883, é somente em 1888 que ele passa amplamente a utilizá-lo na caracterização dos sintomas de declínio, ligado ao conceito de valor e de esgotamento.

Porém, analisar os fragmentos póstumos se mostra útil para esclarecer a trama

¹⁷ Esses elementos “denegerativos” surgem nos escritos de Nietzsche ao final de 1887 e início de 1888 refletindo à leitura que o filósofo alemão fez dos escritos do médico francês Charles Féré. More (2002, p. 121) mostra que o conceito de *décadence* é refinado a partir das análises que Féré fez na obra *Dégénérescence et criminalité*. A partir de 1888 Nietzsche também utiliza a palavra “degenerescenz” para referir-se ao conceito de “dégénérescence” que, como explica SENA (2013, p. 6) é “sinônimo de *décadence* para Féré e seus contemporâneos”. Johan Grzelczyk no artigo “Féré et Nietzsche: Au sujet de la *décadence*” trouxe importantes informações sobre os elementos que Nietzsche encontrou na obra do médico francês para ampliar sua caracterização dos processos de *décadence*. Pretendo desenvolver essa relação com as fontes de Nietzsche em minha tese de doutorado, capítulo 2 (em andamento), na qual vou abordar a forma como Nietzsche retira o conceito de *décadence* da obra de Paul Bourget (não apenas dos *Essais de psychologie contemporaine*) e vai ressignificando o termo de acordo com seus próprios conceitos bem como a posterior influência de Féré e do fisiologista Claude Bernard.

¹⁸ Em seu recente artigo, “Nietzsche: da análise psicológica à fórmula da *décadence*”, Marton conclui “que a ‘fórmula da *décadence*’ designa uma configuração fisiopsicológica determinada: a que se mostra incapaz de aceitar que a dor não constitui uma objeção à vida, a que não pode tolerar que o sofrimento é parte integrante da existência.” (MARTON, 2020, p. 60).

conceitual do filósofo alemão. Nesse sentido, encontramos no fragmento 15 (13) mais elementos para compreender o modo como Nietzsche combate o cristianismo e os processos de decadência com o fim de transvalorar os valores. O filósofo afirma sua “felicidade” por ter encontrado o “caminho”:

Um prefácio. Tenho a felicidade e ao mesmo tempo a honra também de ter reencontrado, depois de milênios inteiros de confusão, o caminho que conduz a um sim e um não. Ensino não a tudo o que enfraquece – o que *esgota*. Ensino o sim a todo o que fortalece, o que acumula força, o orgulho. Não se ensinaram até aqui nem uma coisa nem outra: ensinaram-se a virtude, o desprendimento de si, a compaixão, ensinou-se mesmo a negação da vida... todos esses são valores dos esgotados. (NIETZSCHE, 2008, p. 628)

Neste fragmento fica claro como Nietzsche concebe ter encontrado o caminho, tal como o primeiro aforismo de *O Anticristo* que analisamos. Trata-se dos valores da decadência que foram ensinados, agora caracterizados como valores dos esgotados. É importante o fato de que tais valores foram ensinados, tendo em vista que Nietzsche quer formar novos valores. Deste modo ele afirma em *Ecce Homo*: “Estaria à humanidade mesma em *décadence*? Sempre esteve? – Certo é que lhe ensinaram sempre os *valores da decadence* como valores supremos.” (NIETZSCHE, 2008, p. 108). Desta perspectiva o filósofo conclui que “os professores, os guias da humanidade, teólogos todos, foram todos também *décadents*: daí a transvaloração de todos os valores em algo hostil a vida, daí a moral...” (NIETZSCHE, 2008, p. 108).

A primeira transvaloração feita pelo tipo fraco, guiada pelos sacerdotes ou teólogos explica por que predominam os valores de decadência. Isto explica também o porquê Nietzsche se coloca como opositor radical dos cristãos, no sentido amplo da tipologia, pois abarca os filósofos e grandes sábios da humanidade. Por isso ele afirma que a “esse instinto de teólogo eu faço guerra: encontrei sua pista em toda parte. Quem possui o sangue de teólogo no corpo, já tem ante todas as coisas uma atitude enviesada e desonesta.” (NIETZSCHE, 2016, p. 15). Tal atitude do tipo do teólogo é a negação da realidade e a inversão dos valores, característica do esgotado que, conforme demonstramos, “estropia tudo o que vê” e “empobrece o valor”. Se Nietzsche concebe a transvaloração dos valores através de uma crítica radical ao cristianismo, é por considerar que “a mais básica certeza de que todos os criadores são duros, é a verdadeira marca de uma natureza dionisíaca.” (NIETZSCHE, 2008, p. 90).

Considerações finais

Ao avaliarmos a transvaloração dos valores em *O Anticristo*, concluímos que Nietzsche compreendeu os valores supremos como “valores de *décadence*”. Por sua vez, tais valores são formados a partir de uma perspectiva da vontade de poder, pois conforme exploramos, a vontade de poder através da teoria das forças é sempre interpretativa e perspectivística. Assim, a perspectiva que forma os valores da *decadência* é aquela dos esgotados, daqueles que negam a vida, sendo os valores cristãos definidos também como “valores dos esgotados”.

O processo de esgotamento se mostra importante para compreender a *decadência* dos valores, ou seja, compreender o grande desafio de Nietzsche para conseguir realizar sua tarefa da transvaloração. O filósofo de *Zarathustra* teve de recorrer constantemente a sua teoria das forças para poder criar novos valores. Contudo, o enfoque deste artigo recai sobre a tarefa destrutiva do filósofo, ou seu “dizer Não” a todos os valores que enfraqueceram a humanidade. Julgamos ter alcançado o objetivo proposto ao apresentar os conceitos em suas tramas com vistas ao projeto da transvaloração. Contudo, não foi nosso intento encerrar este assunto, sendo ainda necessário analisar todos os capítulos de *O Anticristo* em trabalhos futuros.

Referências bibliográficas

ARALDI, C. **Niilismo, Criação, Aniquilamento**: Nietzsche e a filosofia dos extremos. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2004.

ARALDI, C. Os extremos do niilismo europeu. **Estudos Nietzsche**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 169-182, jul./dez. 2012.

ARALDI, C. Verbetes/Pessimismo (*Pessimismus*). In.: **Dicionário Nietzsche** / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo; Edições Loyola, 2016 – (Sendas & Veredas); [pag. 338 - 341].

CORBANEZI, E. Verbetes/Perspectivismo (*Perspektivismus*). In.: **Dicionário Nietzsche** / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo; Edições Loyola, 2016 – (Sendas & Veredas); [pag. 336-338].

GRZELCZYK, Johan. Féré et Nietzsche. Au sujet de la *décadence*. In : **Association le Lisible et l’Illisible/Le philosophe**. 2005, n.º 24, pp. 188-205. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-le-philosophe-2005-1-page-188.htm> Acesso em: 08 mar. 2020.

LÖWITH, K. **Nietzsche: Philosophie de l’éternel retour du même**. Trad. de Anne-Sophie

Astrup. Paris: Calmann-Lévy, 1991.

MARTON, S. “Nietzsche: da análise psicológica à fórmula da decadência”. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v.41, n.2, p. 45-62, maio/agosto, 2020.

MARTON, S. **Nietzsche: Das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MARTON, S. Verbetes/Força (Kraft). In.: **Dicionário Nietzsche** / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo; Edições Loyola, 2016 – (Sendas & Veredas); [pag. 238 - 240].

MARTON, S. Verbetes/Valor (Werth). In.: **Dicionário Nietzsche** / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo; Edições Loyola, 2016 – (Sendas & Veredas); [pag. 406 - 408].

MARTON, S. Verbetes/Vontade de potência (Wille zur Macht). In.: **Dicionário Nietzsche** / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo; Edições Loyola, 2016 – (Sendas & Veredas); [pag. 423 - 425].

MOORE, G. **Nietzsche, Biology and Metaphor**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MÜLLER-LAUTER, W. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. Trad. Oswaldo Giacóia Jr. São Paulo: Annablume, 1997.

MÜLLER-LAUTER, W. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. Apresentação Scarlett Marton. Tradução Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, F. **Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe (eKGWB)**. (Digital critical edition of the complete works and letters, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York, de Gruyter 1967, edited by Paolo D'Iorio). In: <http://www.nietzschesource.org>, 2009.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral. Uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008. **Genealogia da Moral. Uma polêmica**. Tradução de Mario Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2009.

NIETZSCHE, F. **Nietzsche contra Wagner. Dossiê de um psicólogo**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

NIETZSCHE, F. **O Caso Wagner. Um problema para músicos**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

NIETZSCHE, F. **Fragmentos póstumos: (1875-1882) (Vol. III)**. Traducción de Manuel Barrios y Jaime Aspiunza. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca. Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2008.

NIETZSCHE, F. **Fragmentos póstumos:** (1882-1885) (Vol. III). Traducción de Diego Sánchez Meca y Jesús Conill. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca. Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2010.

NIETZSCHE, F. **Fragmentos póstumos:** (1885-1889) (Vol. IV). Traducción de Juan Luis Vermal y Joan B. Llinares. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca (2ª ed.). Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2008.

NIETZSCHE, F. **O Anticristo. Maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio.** Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

NIETZSCHE, F. **Ecce homo.** Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

RUBIRA, L. **Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores.** São Paulo: Discurso editorial/Editora Barcarolla, 2010.

RUBIRA, L. Verbete/Eterno retorno do mesmo (ewige Wiederkunft des Gleichen). In: **Dicionário Nietzsche** / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo; Edições Loyola, 2016 – (Sendas & Veredas); [pag. 211 – 213].

SENA, A. Nietzsche, Féré e o tipo psicológico de Jesus em O Anticristo. In.: **Estudos Nietzsche**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 3-24, jan./jun. 2013.

BLONDEL, E. **Nietzsche: le corps et La culture.** Paris: PUF, 1986.

BLONDEL, E. Nietzsche: vida e metáfora. In: **Cadernos Nietzsche**. N. 16. São Paulo: GEN/Editora. 2004. p. 7–51.